



---

**A concepção husserliana de corporeidade: a distinção fenomenológica entre corpo próprio e corpos inanimados**

**Autor(es):** Barco, Aron Pilotto

**Publicado por:** Universidade Católica de Petrópolis; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia

**URL persistente:** URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/32973>

**DOI:** DOI:[http://dx.doi.org/10.14195/1984-6754\\_4-2\\_1](http://dx.doi.org/10.14195/1984-6754_4-2_1)

**Accessed :** 16-May-2024 23:02:16

---

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



# Synnesis

Revista do Centro de Teologia e Humanidades  
ISSN 1984-6754

*Revista do Centro de Teologia e Humanidades*

**UCP**

Universidade Católica de Petrópolis



**ibict**

Instituto Brasileiro de Informação  
em Ciência e Tecnologia

## A CONCEPÇÃO HUSSERLIANA DE CORPOREIDADE: A DISTINÇÃO FENOMENOLÓGICA ENTRE CORPO PRÓPRIO E CORPOS INANIMADOS

## THE HUSSERLIAN CONCEPTION OF CORPORALITY: A PHENOMENOLOGICAL DISTINCTION BETWEEN PERSONAL BODY AND INANIMATE BODIES\*

ARON PILOTTO BARCO\*\*

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS, BRASIL

**Resumo:** Ao contrário do que as diversas aproximações entre Husserl e Descartes podem sugerir, Husserl foi um severo crítico do dualismo mente-corpo, de origem cartesiana. Esse texto tem por objetivo explicar o conceito husserliano de corporeidade para assim expor como o autor defende uma concepção não dualista da corporeidade. Para Husserl não se trata de propor ‘eu tenho um corpo’ – o que pressupõe um componente anímico possuidor –, mas sim ‘eu sou um corpo’.

**Palavras-chave:** *Leib*; corporeidade; Husserl.

**Abstract:** Contrary to what may suggest the many comparisons between Husserl and Descartes, Husserl were a severe critic of the Cartesian mind-body dualism. This text aims at explain the Husserlian concept of corporeality in order to expose how well the author argues for a non-dualistic conception of corporeality. For Husserl is not about propose ‘I have a body’ – which implies a component possessor soul – but ‘I am a body’.

**Keywords:** *Leib*; corporeity; Husserl.

---

\* Artigo recebido em 31/10/2012 e aprovado para publicação pelo Conselho Editorial em 15/12/2012.

\*\* Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Goiás. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3998188826240255>. E-mail: [aronbarco@gmail.com](mailto:aronbarco@gmail.com).

## 1. Introdução

A concepção husserliana de corporeidade prima pelo esclarecimento do que é ser um corpo, a ser alcançado via fenomenologia. O tema torna-se relevante para a filosofia fenomenológica por que o corpo é o próprio sujeito no espaço fenomenológico, e o contato com o mundo se dá conforme sua capacidade sensorial. Encontramos a nós mesmos e tudo o mais a partir de uma perspectiva estendida a partir do ponto de inserção no espaço dado pelo corpo próprio.

[...] assim como encontramos o mundo, também encontramos a nós mesmos, e nos encontramos em meio a este mundo. Uma posição preeminente nesse mundo, no mais, é própria a nós: nos encontramos como centros de referência para o resto do mundo; ele é o nosso ambiente. Os objetos do ambiente, com suas propriedades, mudanças e relações, são o que são em si mesmos, mas guardam uma posição relativa a nós; inicialmente, posição espaço-temporal, e então, também “espiritual”.<sup>1</sup>

Este trecho advém de um curso lecionado por Husserl em 1907. Nele o autor avança sua fenomenologia ao tema da constituição da *res extensa*, tratando da percepção espacial, da constituição dos corpos materiais e da constituição do espaço. Nesse contexto, Husserl encontrou a necessidade de caracterizar a experiência corporal para que sua teoria desse conta da percepção espacial. Logo o tema se tornou ainda mais fértil, retornando às descrições fenomenológicas dos anos seguintes, principalmente no segundo volume de *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy (Ideas II)* e nos três volumes sobre a intersubjetividade (*Husserliana* XIII, XIV e XV).

Talvez a característica mais marcante dessas descrições seja o cuidado empreendido na distinção entre o corpo próprio, chamado *Leib*, e os corpos inanimados, denominados *Körper*. Primeiramente, é importante pontuar que apesar de operar com a distinção desde 1907, a distinção raramente é explicitada por Husserl, só explicitamente tratada no §28 da *Krisis*<sup>2</sup>. Nos textos anteriores, Husserl utiliza a distinção deixando que seu sentido seja aclarado no uso.

De qualquer forma, o uso de dois termos distintos (*Leib* e *Körper*) não é gratuito. Ao contrário das línguas românicas, que traduzem ambos os termos para equivalentes de ‘corpo’ (a exemplo do português), a língua alemã conserva a diferença entre o corpo animado, *Leib*, e

<sup>1</sup> *Ding und Raum* (Husserliana XVI). Ed. Ulrich Claesges. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1973, §1, p. 4.

<sup>2</sup> *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und phänomenologischen Philosophie* (Husserliana VI). Ed. Walter Biemel. Dordrecht: Springer, 1976, p. 109.

o corpo físico qualquer, *Körper*. *Leib* tem origem na palavra do alemão medieval *lîp*, cujo uso era primeiramente indiferenciável entre ‘corpo’ e ‘vida’ e só sucessivamente adquiriu o significado de corpo próprio e anímico, separando-se do sentido de ‘vida’, que por sua vez tornou-se *Leben* no alemão contemporâneo. Já *Körper* é a germanização do latim *corpus* e, portanto, significa corpo morto ou corpo tomado como mera materialidade<sup>3</sup>. Logo, *Körper* é uma generalidade: qualquer conteúdo que sensibilize a consciência, preencha uma forma extensa (tenha um *Dingschema*) e seja sólido, pode ser chamado de *Körper*.

Estas razões etimológicas são o primeiro motivo pelo qual decidi não traduzir o conceito e as passagens em que Husserl fala de *Leib*. O segundo e principal motivo se deve a distinção não ser mera distinção linguística, mas basear-se em distintas propriedades fenomenologicamente observáveis. A mais trivial destas propriedades é que um corpo vivo, um *Leib*, é animado (*i.e.* movimenta-se por vontade própria), enquanto um corpo não vivo, *Körper*, não apresenta qualquer sinal de ‘animação’ (com exceção, talvez, dos imãs). Contudo, “obviamente o *Leib* também é para ser visto como as demais coisas, ele só se torna um *Leib* por incorporar sensações”<sup>4</sup>. A definição exige cuidado, pois um *Leib* é primeiramente *Körper* que só ultrapassa esta caracterização por apresentar propriedades especiais. Como colocou Husserl, além da animação temos a sensibilidade: um corpo é um *Leib* por ser o local das sensações de um organismo vivo. Se sinto dor, sei imediatamente em que região do meu corpo sinto essa dor. Isto é, o *Leib* se mostra como o espaço natal de qualquer sensação. Ou, como manda a descrição fenomenológica, a consciência do próprio corpo enquanto *Leib* revela-o como “o local originário das sensações”<sup>5</sup>. Até mesmo o limite entre *Leib* e o resto do mundo se dá segundo essa propriedade: a consciência dos limites de meu corpo é dada pelos limites do tato.

## 2. A exclusão de circuito do fisicalismo

Todavia, a radicalização da ἐποχή em seu estágio transcendental suspende o julgamento

---

<sup>3</sup> As informações etimológicas foram retiradas do apêndice “*La traduction de Leib, une Crux Phaenomenologica*”, de Natalie Depraz, à edição francesa de textos selecionados da Hua XIII, XIV e XV. Cf. *Sur L’intersubjectivité I*. Ed. Natalie Depraz. Paris: Épipiméthée, 2001, p. 386-387.

<sup>4</sup> *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. Second Book: Studies in the phenomenology of constitution*. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989, § 37, p. 151.

<sup>5</sup> *Idem*, §36, p. 145.

acerca do transcendente e, uma vez que o corpo é obviamente transcende, é preciso especificar com cuidado o que na fenomenologia se entende por *Leib*. Um grave problema com a materialidade do sujeito pode ser despertado se mal compreendermos os propósitos transcendentais da fenomenologia. Como afirma Husserl nas Palestras de Amsterdam: “A pureza de que estamos falando obviamente significa, primeiramente, ser livre de tudo que é psicofísico. (...) *Qualquer que seja o lugar da mente ou sua ligação com a Natureza, ele deve ser deixado fora de tópico*”<sup>6</sup>. A “subjetividade empírica” deveria ser suspendida, figurando fora das margens transcendentais. Desse modo, o corpo do Eu parece distribuído entre os dois polos da teoria transcendental-fenomenológica – é transcendente e é imanente –, sendo assim indefinível por ela. Ou seja, teríamos o problema categorial de definir qual o estatuto fenomenológico do *Leib* no nível transcendental da fenomenologia<sup>7</sup>.

Uma vez que a consciência precisa dos órgãos sensoriais para ocupar-se do mundo exterior, se a corporeidade for transcendente, pressupõe a si própria em sua constituição. E, por outro lado, se for imanente, o *Leib* não deveria aparecer ‘uma face de cada vez’ nem ter alguma parte desconhecida, como de fato tem (suponha uma ferida só notada quando é visualizada, ou um órgão doente só notado quando começa a doer).

O primeiro caso, contudo, não apresenta verdadeiramente uma circularidade. O conceito fenomenológico de constituição não significa literalmente “construção da coisa”, mas a formação de sentido em torno de um fenômeno que o faz ser mais que uma mera coisa; que o faz um objeto. O corpo funciona passivamente, percebe a si próprio e fornece os dados para sua própria constituição e, enquanto algo transcendente, não deixa de ter uma multiplicidade de aparências correspondente. Mas, por outro lado, se Husserl categorizasse a corporeidade como transcendente, deveria separá-la da consciência e defender uma tradicional oposição entre mente e corpo, o que traria o problema categorial.

Muito embora, estes problemas que rondam a distinção entre *Leib* e *Körper* são diluídos pela concepção da corporeidade utilizada nas descrições de Husserl. Em *Ideen II*, Husserl argumenta que anímico e corpóreo mostram-se juntos, valendo-se de uma espécie de experimento mental supondo um sujeito que toca uma de suas mãos com a outra<sup>8</sup>. Nesse caso o sujeito é, simultaneamente, o tocante e o tocado, experimentando o toque e vivenciando o

---

<sup>6</sup> *Phänomenologische Psychologie* (Husserliana IX). Ed. Walter Biemel. 1968, p. 308.

<sup>7</sup> O problema não passou despercebido por Husserl, como se pode ver em *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Erster Teil: 1905-1920* (Husserliana XIII). Ed. Iso Kern. 1973, p. 141.

<sup>8</sup> Cf. *Ideen II*, §36.

ato de tocar nas duas ‘pontas’. A lição extraída do experimento é a impossibilidade do Eu *vivenciar* o próprio *Leib* como se fosse um *Körper*: o que se sente na superfície da mão tocada não fixa uma qualidade real dessa mão em sua materialidade física (*i.e.* as propriedades da mão enquanto um *Körper* qualquer) porque “se falo na coisa física ‘mão esquerda’ então eu faço abstração dessas sensações”<sup>9</sup>; o tocante e o tocado são a mesma vivência e não é possível haver discernimento entre um sujeito e um objeto. Não há aí um corpo-objeto, um *Körper*. O experimento é iluminador frente à compreensão tradicional segundo a qual o corpóreo é utilizado pelo anímico, não passando de um recipiente móvel cuja ligação com o anímico não é uma conexão necessária. A argumentação de Husserl segue na direção de defender que o Eu só pode sentir o ‘exterior’ e ‘exteriorizar’ suas volições pelo *Leib*.

### 3. A unidade psicofísica

Assim desponta uma noção muito cara à Husserl: a distinção entre *Leib* e *Körper* não serve apenas para a tematização fenomenológica da corporeidade subjetiva, mas conecta-se com a abordagem da unidade psicofísica, a unidade inseparável da subjetividade material com sua ‘imaterialidade’ (*i.e.*, a consciência) responsável pela constituição e pela intuição do outro. Husserl pensa tal unidade como uma real unidade da vida psíquica com o corpo físico, o que implica numa concepção do anímico que não é oposta ao corporal, ou que a *res cogitans* não é de substância distinta da *res extensa*<sup>10</sup>. Neste sentido, o *Leib* não mais poderia ser compreendido como ‘uma parte’ entre outras na totalidade somática do Eu, mas sim como a face externa de uma unidade incindível.

Apesar dessa linha de raciocínio confluir em uma concepção livre de um dualismo mente/corpo, a posição final em *Ideen II* é que o *Leib*, em última análise, se diferencia da ‘vida espiritual’ por causa de sua materialidade. Não se pode unir completamente os dois porque o corpo aparece em consciência assim como acontece com qualquer coisa material, e o faz como transcendente, numa doação parcial, um lado de cada vez. Husserl já se encaminhava a essa conclusão anteriormente, quando em 1911 define que “a conexão [entre o carnal e o mental] é necessária no sentido empírico, mas não é necessária no sentido ideal”, pois: “uma *res extensa* é

<sup>9</sup> *Idem*, §36, p. 145.

<sup>10</sup> Cf. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Zweiter Teil: 1921-1928* (Husserliana XIV). Ed. Iso Kern. 1973, p. 56 e segs.

factualmente uma *res cogitans*, porque de algum modo as *cogitationes* estão conectadas a ela na experiência. Mas o *cogitare* em si nada tem a ver com qualquer *res extensa*<sup>11</sup>.

Neste escrito de 1911, Husserl introduz a *Distinctio Phaenomenologica*, a distinção entre cada *res* que dá o embasamento para separar o objeto de estudo da psicologia e o da fenomenologia. A distinção é anunciada da seguinte forma: “A conexão entre a experiência e o ser humano tendo a experiência é ‘contingente’<sup>12</sup>. Isso implica que a fenomenologia pode voltar-se ao modo de ser da experiência – de como ela se dá em consciência – sem ter de lidar com o sujeito como indivíduo. Além disso, como o *Leib* é também parte da *res extensa*, em detrimento da desconexão entre *res extensa* e *res cogitans* o *Leib* deveria ser retirado de circuito: “podemos cortar sem contradição, por assim dizer, a conexão empírica entre experiência e toda a existência material”<sup>13</sup>.

O que parece evidenciar a presença de um problema categorial em torno do corpo do Eu é na verdade ultrapassado pela definição de *Leib*. Não se trata de abordar a questão por um ângulo naturalista, que fatalmente exigira a distinção fosse traçada pela materialidade e, nesses termos, o corpo do Eu seria um *Körper*. Em contrapartida, o ângulo fenomenológico de Husserl revela esse corpo como a única ‘coisa’ imediata à consciência, como a mão vivida graças a qual há sensação do toque e, portanto, um conteúdo objetivável. Em um texto tardio, de 1927, Husserl expôs estes aspectos de modo particularmente incisivo:

Em cada presença e em cada realização efetiva do espaço ‘objetivo’ o Leib é também co-presente e, se espaço e mundo são realizados, é experimentado como o centro realizado sempre e acima de tudo. Ele é o objeto-zero, que é a condição de possibilidade de outros objetos.<sup>14</sup>

Certamente trata-se de uma evidência trivial que a receptividade dos órgãos sensitivos é requisito para que a *res extensa* seja doada em consciência. Mas a verdadeira profundidade do texto de Husserl está em apontar que está em jogo a própria constituição do espaço e dos *Körper*, não apenas a importância dos órgãos sensitivos para a consciência. O texto torna evidente uma preocupação que se assomava bem antes de 1927, em textos em que se lê o filósofo tratar o *Leib* como condição de possibilidade de toda experiência de mundo<sup>15</sup>. Como

---

<sup>11</sup> Husserliana XIII, p. 143.

<sup>12</sup> *Idem*, p. 144.

<sup>13</sup> *Ibidem*.

<sup>14</sup> Husserliana XIV, p. 540.

<sup>15</sup> *Ideas II*, §18a, p. 56.



afirma Husserl, o *Leib* implica “a práxis do Eu no mundo, e de fato uma proto-práxis [*Urpraxis*] que é co-funcionante e funciona de antemão para todas as outras práxis”<sup>16</sup>. Ou seja, a intencionalidade voltada para a prática deixa-se transparecer pelos movimentos corporais, ou mesmo pode ser equiparada à ação corporal. O *Leib* funciona como meio de efetivação física da intencionalidade, pois, afinal, o Eu só pode realizar uma intenção no mundo real por meio do *Leib*.

Há enorme importância em falar de um “centro egóico”, em relação ao qual todos os outros corpos ganham posição, e de apresenta-lo também como “centro realizado”. A experiência, como horizonte originário de doação de sentido, não é pensada por Husserl como a experiência de uma ‘consciência-fantasma’ ou uma mente desencarnada, mas como experiência que se desenvolve também corporalmente. O *Leib* viabiliza a percepção do exterior, e constantemente atualiza a troca de ‘informações’ com o ambiente, ‘informações’ que se entrecruzam na consciência. Se a carne é “o local originário das sensações”<sup>17</sup>, tudo que coexiste com a subjetividade só tem uma ordem espacial porque o corpo diferencia-se assim das demais coisas na consciência. Além disso, não se fala apenas de um “centro”, mas de um “centro realizado”, porque “o Eu é de fato algo coisal que é constituído apenas em nexos intencionais e suas formas essenciais, e apenas assim ele demonstra a si mesmo.”<sup>18</sup>. Isto é, também o centro ‘se realiza’ num ato de autoconsciência.

#### 4. Considerações finais: a origem da possibilidade de objetivar o corpo

Ao ser visto como centro e condição de possibilidade de outros objetos, o *Leib* não mais pode voltar a ser explicado somente como vivo-e-tocante ao mesmo tempo em que vivido-e-tocado, pois a característica de vivenciar é a mais básica, a característica definidora que possibilita as demais. Por este motivo, o caso do tocante-tocado ainda não viabiliza a crítica central implícita em toda a execução da fenomenologia da corporeidade: a crítica da concepção dualista da corporeidade subjetiva só é capaz de enxergar a corporeidade como *Körper*.

---

<sup>16</sup> Husserliana XIV, p. 328.

<sup>17</sup> *Ideas II*, §36, p. 145.

<sup>18</sup> Husserliana XVI, §13, p. 40-41.

Elizabeth Behnke alerta para este ponto em sua interpretação da *Leibhaftigkeit*. Segundo Behnke, ao conceber um conceito como o *Leib*, Husserl coroa a conquista contemporânea por sobre a tradicional noção de que *temos* um corpo. Behnke nomeia tal tradição de “tradição da encarnação”, segundo a qual “há ‘algo’ que é encarnado na encarnação (e presumivelmente, algo além do próprio corpo, e.g. ‘a vida mental’)”<sup>19</sup>. A autora argumenta que a adoção da distinção entre *Leib* e *Körper* pode ser lida como uma parte da grande obra crítica de Husserl ao reducionismo naturalista que vê todo o corpo com os mesmos olhos<sup>20</sup>. Behnke quer suspender todo e qualquer resquício de que a corporeidade é um objeto, mesmo que especial e privilegiado, para que a ideia de um Eu somático seja levada a cabo. Logo, para Behnke, o corpo que deve ser investigado pela fenomenologia é este agente de dinâmicas corporais que são constituintes, “não apenas como uma consciência que é consciente-de movimento (mesmo o seu próprio), mas como uma consciência capaz de mobilidade”<sup>21</sup>.

Acredito que a interpretação de Behnke não apenas é vantajosa, como é correta e em conformidade com o quadro geral da filosofia de Husserl porque o *Leib*, enquanto vivido, é irreduzível em qualquer estágio da ἐποχή. A própria consciência pode ser tematizada e constituída como ‘um algo’, e isso não faz dela alvo da ἐποχή transcendental. Nesses termos, entendo que um papel importante da distinção entre *Leib* e *Körper* é apontar à diferença interna da experiência entre o que é e o que não é vivido de modo tematizado e objetivado (como na constituição).

Husserl reafirmou diversas vezes essa diferença fenomenológica, onde o primeiro significa a vivência em seu estado latente, uma unidade cujos conteúdos são ainda incertos e não determinados, e o segundo significa a porção da experiência que, pela atenção e o ato reflexivo, são determinadas e objetivadas. Como objeto de estudo da medicina, da biologia, como parte física do mundo, o corpo do Eu é um *Körper*; mas, na medida em que este corpo é vivo e vivido, ele não está apenas envolvido na percepção, ele é anterior e pressuposto por toda percepção.

Isto é, busco alertar para a grande diferença implícita na atividade reflexiva entre ‘conteúdo já tematizado’ e ‘conteúdo antes de ser tematizado’: a tematização é, de antemão, o

<sup>19</sup> BEHNKE, Elizabeth A. “Bodily Protentionality”. *Husserl Studies*, vol. 25, 2009. p. 191.

<sup>20</sup> “Em minha visão, um trabalho completo sobre a fenomenologia Husserliana do corpo leva a uma crítica radical da própria noção de ‘corpo’. [...] Como é de se esperar, um primeiro passo requer pôr de lado – colocando fora de jogo, não fazendo uso do – o corpo *naturalizado* como uma realidade material que é objeto de ciências naturais positivas como anatomia, psicologia, e uma série de subdisciplinas especializadas.” (*idem*, p. 188).

<sup>21</sup> *Idem*, p. 191

processo de objetivação. O corpo do Eu só pode ser descrito como *Körper* por ser tematizado e ter suas características de *Leib* abstraídas. Então, em vez de ser caracterizado com ‘*Körper* com características especiais’, junto dos corpos dos animais e de outros homens, o corpo próprio deve ser concebido como algo em funcionamento de antemão, a possibilitar a consciência – “o *Leib* está envolvido em todas as ‘funções da consciência’”<sup>22</sup> –, e que somente *a posteriori* pode ser abstraído e tomado como corpo qualquer.

Deve ser notado aqui que na experiência das coisas, o *Leib* é co-experimentado como corpo vivo e funcionante (assim, não como mera coisa), e quando ele mesmo se experimenta como uma coisa, é experimentado de modo duplo e unido como coisa experimentada e como corpo vivo funcionante experimentador.<sup>23</sup>

Em suma, o funcionamento do corpo como *Leib* é pressuposto em sua objetivação. Mesmo que o Eu tematize ‘seu’ corpo assim como o faz com qualquer objeto, por essência ele não pode lhe subtrair seu caráter de experimentador, seu caráter constituinte – o *Leib* funciona antes e durante todo raciocínio e atividade reflexiva. Segundo as próprias definições de Husserl, o *Leib* não apenas intermeia a conexão entre interno e externo, como é parte necessária na formação da consciência, na existência e na permanência da consciência de algo: não fosse por meio dos órgãos, não haveria percepção, logo não haveria consciência de algo e estaria desfeito o fundamento da fenomenologia.

Além disso, separar o próprio corpo como primeiramente não tematizado e, em seguida, possivelmente tematizado (e possivelmente feito objeto), nos possibilita propor a corporeidade de modo pré-objetivo e pré-reflexivo, garantindo que a sensação própria da dinâmica corporal, a cinestesia, não seja compreendida como resultado de uma atividade predicativa da consciência. De fato, o sujeito não infere ter sensações de movimento, mas sim tais sensações permitem ao sujeito a consciência do movimento.

No mais, Husserl fornece a seguinte explicação da inclinação a tomar o *Leib* como *Körper*:

[...] se eu posso representar qualquer aparência externa de qualquer corpo enquanto alterado numa aparência nula, e se eu devo apreender meu corpo como um corpo espacial de acordo com sua corporalidade, de acordo com todas as suas localizações e distâncias, então posso fazer para mim uma “imagem” de meu corpo em aparência externa, tal que meu *Leib*, é claro,

---

<sup>22</sup> *Ideas II*, §39, p. 152; grifo nosso.

<sup>23</sup> Husserliana XIV, p. 57.

necessariamente perde sua propriedade de ser um corpo vivido.<sup>24</sup>

Segundo essa passagem, é porque o sujeito pode representar a sua própria situação corporal (e.g., imaginar uma visão de si em terceira pessoa), e nisso imaginar-se como mais um corpo inserido num ambiente, que o *Leib* pode ser erroneamente equivalido a um *Körper*. Por meio desta explicação, o problema de categorizar o *Leib* seria diluído, pois só existiria em função de uma confusão entre o estado próprio da vivência e o estado da reflexão. Somente na reflexão, e em detrimento da objetivação pertinente a ela, é que a imediaticidade do *Leib* pode ser esquecida.

Husserl acrescenta: “meu corpo, precisamente enquanto corpo vivido, jamais pode [...] ter uma aparência externa, mas apenas uma aparência nula”<sup>25</sup>. Este corpo representado, objeto da reflexão ou da imaginação, não é ao que o conceito de *Leib* aponta; ao contrário, Husserl mira a estrutura passiva funcionando sempre no princípio, no presente, ao fundo e à base deste movimento reflexivo. Então, sintetizando, o que faz o *Leib* diferente do *Körper*, além da capacidade de movimento, expressão e imediaticidade de sua presença à consciência, é a potencialidade física que ele dá ao Eu de antemão. O *Leib* possibilita o que Husserl denomina “Eu posso” (“*Ich kann*”). Todas as possibilidades do Eu lhe são dadas pelo *Leib*: o que não pode o *Leib* – o Eu não pode.

A característica distintiva do *Leib* como campo de localização é pressuposição para suas seguintes características que o distinguem de todas as coisas materiais. Particularmente, é condição para o fato de, já tomado como *Leib* (nomeadamente, como a coisa que tem um estrato de sensações localizadas) é um órgão da vontade, o único objeto que, pela vontade do meu Eu puro, é imediatamente e espontaneamente movimentável, e é um meio para a produção mediada de movimentos espontâneos em outras coisas.<sup>26</sup>

As mais diversas consequências seguem dessa constatação, como a própria indistinção entre *Leib* e Eu, distinção que sugere a pertença de um ao outro quando falamos ‘meu corpo’. É por falta de meios para explicar essa junção, tão fortemente cindida pela tradição do dualismo, que incorremos em raciocínios tortuosos a exigir clarificação.

Enquanto possibilita a percepção, o movimento e a expressão, sempre imediatamente

---

<sup>24</sup> Husserliana XVI, apêndice IX, p. 366

<sup>25</sup> Husserliana XVI, apêndice IX, p. 366.

<sup>26</sup> *Ideas II*, §38, p. 151-152.

disponível para a vontade, o *Leib* é “o objeto-zero do mundo aparente ‘orientado em seu redor’”, a “soma coexistente, enquanto membro-zero de um mundo próprio primordialmente constituído, juntamente com o correspondente Eu e sua vida de consciência”<sup>27</sup>. Se o Eu só existe como unidade somática, unidade constituída passivamente – e por isso independentemente da vontade –, toda distinção que se possa operar sobre esta unidade não pode lhe subtrair as demais faces. Nestes termos, o conceito de *Leib* é capaz de resolver o problema que Behnke credits à tradição da encarnação, pois com ele não mais caímos nos entraves de compreender a subjetividade apenas como “o subjacente” (*ousia*) imaterial na experiência; com o conceito de *Leib*, a subjetividade é sua face externa junto ao material, o corpo consciente e vivo cuja unidade é incindível.

“Quando digo ‘Eu’, tenho a mim numa simples reflexão. Mas esta auto-experiência é como toda experiência, [...] um mero direcionar-me na direção de algo que já estava lá para mim, de que já estava consciente, mas não tematicamente experimentado, não atentando por mim”<sup>28</sup>. Pensando assim, todos os problemas começam quando cindimos esta unidade no julgamento de que o Eu ‘tem’ corpo, e por causa da abstração própria da linguagem, aparentemente se esquece da corporeidade que o sujeito nunca deixou de ser<sup>29</sup>: um eu-corpo, *Ichleib*.<sup>30</sup>

---

<sup>27</sup> Husserliana XV, p. 14.

<sup>28</sup> Husserliana XV, p. 492-493.

<sup>29</sup> Apesar de não apontar diretamente à linguagem como fiz, na *Krisis*, Husserl reconhece a “bizarrice” de falar separadamente em homem e no corpo desse homem: “Homens e animais tem sua posição no espaço e se movem no espaço como meras coisas físicas. Será dito que é óbvio que eles o fazem ‘em virtude’ da corporalidade de seus *Leiber*. No entanto, seria bizarro dizer que apenas o *Leib* do homem moveu-se e não o homem, que o *Leib* desse homem desceu a rua, dirigiu um carro, morou no campo ou na cidade, e não o próprio homem.” (Husserliana VI, §13, p. 32).

<sup>30</sup> Cf. o termo em Husserliana XVI, p. 80, 84 e 162.

## Referências Bibliográficas

BEHNKE, Elizabeth A. “Bodily Protentionality”. *Husserl Studies*, vol. 25, p. 185-217, 2009.

DEPRAZ, Natalie. “La traduction de *Leib*, une Crux Phaenomenologica”. In: HUSSERL, Edmund. *Sur L’intersubjectivité I*. Ed. Natalie Depraz. p. 386-387. Paris: Épiméthée, 2001.

HUSSERL, Edmund. *Die Krisis der europäischen Wissenschaften und phänomenologischen Philosophie* (Husserliana VI). Ed. Walter Biemel. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1976.

\_\_\_\_\_. *Ding und Raum* (Husserliana XVI). Ed. Ulrich Claesges. Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1973.

\_\_\_\_\_. *Ideas pertaining to a pure phenomenology and to a phenomenological philosophy. Second Book: Studies in the phenomenology of constitution* (Ideas II). Dordrecht: Kluwer Academic Publishers, 1989.

\_\_\_\_\_. *Phänomenologische Psychologie* (Husserliana IX). Ed. Walter Biemel. Dordrecht: Springer, 1968.

\_\_\_\_\_. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Erster Teil: 1905-1920* (Husserliana XIII). Ed. Iso Kern. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1973.

\_\_\_\_\_. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Zweiter Teil: 1921-1928* (Husserliana XIV). Ed. Iso Kern. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1973.

\_\_\_\_\_. *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität. Dritter Teil: 1929-1935* (Husserliana XV). Ed. Iso Kern. Den Haag: Martinus Nijhoff, 1973.